

*Fabricação de corpos wajãpi*

## Roupas que combinam e uma discussão sobre calças

Fabricação de corpos wajãpi

*Clothes that match and a discussion about pants: Wajãpi body fabrication*

**Camila Galan de Paula**

---



**Editora**

Núcleo de Antropologia Urbana da  
Universidade de São Paulo

**Edição electrónica**

URL: <http://pontourbe.revues.org/3187>

ISSN: 1981-3341

**Refêrencia eletrónica**

Camila Galan de Paula, « Roupas que combinam e uma discussão sobre calças », *Ponto Urbe* [Online], 19 | 2016, posto online no dia 31 Dezembro 2016, consultado o 10 Janeiro 2017. URL : <http://pontourbe.revues.org/3187> ; DOI : 10.4000/pontourbe.3187

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 10 janvier 2017.

---

*Fabricação de corpos wajãpi*

# Roupas que combinam e uma discussão sobre calças

Fabricação de corpos wajãpi

*Clothes that match and a discussion about pants: Wajãpi body fabrication*

**Camila Galan de Paula**

---

## NOTA DO AUTOR

A pesquisa que fundamenta este artigo foi financiada com uma bolsa de mestrado da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

## Introdução

- 1 Este artigo coloca em relevo algumas considerações de pessoas wajãpi sobre a relação entre a fabricação de corpos corretos-bonitos e o uso de determinados enfeites e peças de vestuário. Como se sabe, a investigação dos processos de ornamentação e fabricação corporais é central nos estudos em etnologia das baixas terras sul-americanas, e relaciona-se estreitamente às noções indígenas de pessoa (cf. Seeger, Da Matta, Viveiros de Castro 1979). É central, para os Wajãpi, que uma pessoa saiba usar os enfeites e roupas adequados – ou seja, de fabricar corpos com determinadas disposições.
- 2 Fruto de uma pesquisa de campo em algumas aldeias na T.I. Wajãpi, no estado do Amapá, as elaborações iniciais contidas neste artigo acompanham outras reflexões acerca do uso de “roupas de não índios” pelos Wajãpi que elaborei em minha dissertação de mestrado (Paula 2015a).<sup>1</sup> Em primeiro lugar, é preciso ficar claro que abordo de maneira indistinta o uso que esses indígenas fazem de enfeites a que estão acostumados há muitas décadas ou séculos – miçangas, tangas de pano vermelho, urucum – e aqueles de uso mais recente –

camisetas, calcinhas, calças, agasalhos, xampus, desodorantes etc. Essa opção se dá por dois motivos principais. Em primeiro lugar, são convincentes as abordagens que argumentam que o uso de “roupas de branco”, entre povos amazônicos é análogo a outros processos de transformações (Ewart 2007; Vilaça 2000). Em minha dissertação, analisei os processos de *imitar* e *acostumar* associados ao uso de roupas, que em minha leitura articulam-se à paisagem transformacional ameríndia, em que é preciso ao mesmo tempo incorporar afetos de diferentes tipos de gente (Vilaça 2005), como dosar a incorporação de componentes dessas outras gentes (Gallois 1992; 2012; Oliveira 2012; Pierri 2013:187). Em segundo lugar, creio ser necessário seguir os critérios pelos quais os Wajãpi agrupam ou dividem componentes de fabricação corporal<sup>2</sup>.

- 3 No presente trabalho, abordo dois feixes de discussão que tive com interlocutores wajãpi. Em primeiro lugar, apresento aquilo que me traduziram por *combinar*. Há coisas que combinam com velhos, mas não com jovens, por exemplo. Em seguida apresento uma polêmica sobre o uso de calças compridas por mulheres jovens. Em ambas as discussões ficará claro que o que está em jogo é a articulação entre a seleção correta de componentes corporais e os corpos-disposições que se quer fabricar.

## Como se vestem os wajãpi?

- 4 Como se poderá ler no que segue deste artigo, não há uma forma homogênea dos Wajãpi se trajarem, e diferenças de gênero, idade e acesso a salários são clivagens importantes para as diferenças das roupas. Há ainda discussões em curso, entre diferentes pessoas wajãpi, sobre a adequação ou não do uso de determinadas roupas, cortes de cabelo, perfumes etc. Um quadro geral, portanto, é impossível de traçar. Apenas elenco algumas das vestimentas e ornatos corporais que vi ser usados nas aldeias em que estive.
- 5 Quando nas aldeias, as mulheres vestem saias de pano, em geral vermelhas – o pano vermelho é chamado *kamisa pirã*. Algumas adotaram o uso de sutiãs e bustiês esportivos, enquanto outras, não. Em geral mulheres mais velhas usam camisetas em algumas ocasiões, e mesmo as mais jovens o fazem quando faz frio pelas manhãs e quando vão arrancar mandioca nas roças. Cintos, colares, tornozeleiras, joelheiras e pulseiras de miçangas são comuns, e alguns desses itens são mais comumente usados em festas, reuniões de caxiri, para ir a escolas ou reuniões. As cores que mais vi ser utilizadas para miçangas são o azul-médio, seguida do azul turquesa, branco, amarelo e verde. Sandálias de borracha são também de uso corrente. Brincos, correntes e outras bijuterias adquiridas na cidade compõem os enfeites de algumas poucas mulheres. Praticamente todas as mulheres que conheci mantêm seus cabelos longos, algumas moças e mulheres jovens repartem-nos de lado – penteado apontado como recente. Urucum, resinas perfumadas, jenipapo e maquiagens revezam-se no revestimento corporal tanto de mulheres quanto de homens. Ao pegar carona em caminhonetes para Macapá, ou ao pagar pelo transporte em tais veículos, as mulheres colocam vestidos por sobre as saias de pano vermelho; outras, vestem blusas e continuam a deixar suas saias visíveis; outras, ainda, usam calças.
- 6 Nas aldeias, praticamente todos os homens usam tangas de pano vermelho (*kamisa pirã*), de uso característico por populações indígenas na região das Guianas (Van Velthem 2003:281). Aqueles poucos que não o fazem, usam tangas de tecido alaranjado (*kamisa tawa*). Os enfeites de miçanga usados pelos homens em geral são as pulseiras e nas ocasiões em que estão mais enfeitados, bandoleiras<sup>3</sup>. As cores mais comuns são as mesmas usadas pelas mulheres. Alguns homens vestem sempre camisetas – *acostumaram* a elas (cf.

Paula 2015a:198-203). A imensa maioria dos homens cortam seus cabelos curtos, alguns imitando cortes de jogadores de futebol ou de cantores populares. Nas cidades, os homens vestem-se conforme a moda macapaense.

## Mulher nova não combina com miçanga vermelha

- 7 Em novembro de 2014, durante minha estada na aldeia Pairakae, conversei diversas vezes com o pesquisador Jatuta. Por vezes falávamos sobre o uso de roupas e de outras formas de embelezar os corpos. Numa dessas conversas, ele explicou que há coisas que *combinam* e outras que *não combinam* com certas pessoas. Disse esses termos em português; mais adiante me deterei sobre essa tradução feita por ele e por outros Wajãpi. De início, Jatuta me falou das coisas que *não combinam*, e no mais das vezes essa ideia de *combinar* foi explicada pela negativa, isso é, por aquilo que não é adequado a alguém. Ao questionar os termos que em língua wajãpi Jatuta traduziu por “*não combina*”, recebi como resposta *nowerowai* e *nojisu’ui*<sup>4</sup>. Assim ele me explicou: “Por exemplo, jogador Neymar, aquele cabelo combina com ele. Uma mulher que usa *sipy* [resina perfumada] e urucu, ela se pinta de urucu e *sipy* no rosto dela, aí *ojisu’u katu*. Por exemplo, velhinha usa *sipy* no rosto dela, não combina”. Comentou, igualmente, que algumas moças e jovens mulheres *não combinam* com miçanga vermelha.
- 8 O tema das miçangas vermelhas voltaria a ser abordado em outra ocasião, numa aldeia diferente. Durante a beberagem de caxiri na aldeia Kwapo’ywyry, Marinau e Maira me contavam sobre suas respectivas experiências na cidade de São Paulo. Não demorou para que falassem das lojas na região da rua 25 de Março e da profusão de boas miçangas. Tais conversas invariavelmente acabavam em pedidos mais ou menos explícitos de presentes, ou em promessas de presentes. Nessas ocasiões, as pessoas fazem questão de detalhar quais são as miçangas de sua preferência, bem como aquelas que julgam feias. À ocasião, as mulheres com quem eu conversava pediram-me que levasse na viagem seguinte miçangas miúdas, iguais às que ganharam uma vez de outra antropóloga e das quais gostaram muito. Em seguida, explicaram que miçanga vermelha *não combina* com moça nova, “*nowerowai*”, “*nojisu’ui*”, disseram. Marinau argumentou que uma mulher com trinta e tantos anos, já com muitos filhos e netos, pode usar miçangas vermelhas, mas que com elas, mais jovens, *não combinavam*. Quando eu comentei que tinha visto miçangas daquela cor em um colar que portava uma mulher mais velha, ambas concordaram que feiras de miçangas vermelhas só combinam com as mulheres mais velhas, “*cacicas*”.
- 9 No campo seguinte resolvi perguntar mais sobre as miçangas vermelhas e coisas que combinam com jovens e com velhas, com mulheres e com homens. Alguns moradores das aldeias da região de Mariry disseram não ser as miçangas vermelhas que *não combinam* com jovens, mas as de tonalidade marrom. Se a cor que *combinava* com as mulheres mais velhas era outra, ainda assim tornou-se evidente que algumas pessoas parecem se adequar a alguns tons de miçanga e não a outros.
- 10 Marrom e vermelho não figuram entre as cores de miçangas mais apreciadas, solicitadas, usadas ou compradas pelos moradores da T. I. Wajãpi. Com efeito, lembro-me de ter visto apenas poucas pessoas usando enfeites vermelhos: duas mulheres mais velhas, uma com um colar de muitas voltas, outra com colar menor; um menino com uma braçadeira vermelha, uma moça com uma pequena tornozeleira. Conforme reiteraram alguns pesquisadores wajãpi, moças novas *não combinam* com miçanga dessa tonalidade. Já as

mulheres velhas podem usar qualquer miçanga, pois não precisam mais se enfeitar para parecer bonitas para os rapazes e homens – ou, como me disse outro pesquisador, “velha usa qualquer miçanga”<sup>5</sup>. Moças e rapazes, lembra-nos Dominique T. Gallois (1992), são os mais enfeitados. Ao que parece, certas cores de miçanga são mais apreciadas por jovens e adultos não envelhecidos, que as utilizam em seus colares (mulheres), bandoleiras (homens), braçadeiras, pulseiras, tornozeleiras (mulheres), joelheiras (mulheres) e cintos (mulheres). Uma jovem, além disso, não deve parecer com uma velha.

- 11 Sobre os Wayana, Lucia Van Velthem (2003:275-6) nota que um jovem não deve se comportar como um velho (ser lento, dormir muito), sob risco de adquirir um corpo mole como o dos velhos e assim tornar-se um velho. Adotar a forma corporal ou os comportamentos de outros pode transformar uma pessoa. O uso de certos tons de miçanga por jovens pode fazê-las experimentar corpos de velhas, afirmação que, imagino, coaduna-se com as marcas corporais de maturação e envelhecimento reconhecidas pelos Wajãpi, tema tratado por Dominique T. Gallois (1988), Flora Cabalzar (1997) e Juliana Rosalen (2005). Ao menos uma pessoa me disse que mulher nova *não combina* com miçanga vermelha pois sua pele não é enrugada, como é o caso das mulheres velhas. Infelizmente não consegui detalhar quais atributos corporais – físicos e comportamentais – de mulheres velhas as jovens passariam a ter caso optassem por ornamentar-se com miçangas cujo uso é associado às idosas.
- 12 Os Wajãpi atentam justamente à adequação entre as vestimentas, adornos, cortes de cabelo, jeitos de usar tangas e a fabricação de certas corporalidades. Quando perguntava a algumas mulheres como escolhiam roupas para comprar em Macapá, muitas respondiam que, uma vez nas lojas, perguntavam ao “dono da loja” quais eram as roupas de mulher. A princípio tal resposta me pareceu banal, porém foi se mostrando recorrente, como nos seguintes excertos de conversas:
- Camila- E como que compra roupa para a cidade? Quando vai para Macapá, que roupa que usa? [...] Como que escolhe?  
 Homem1- Escolhe roupa masculina.  
 [...]  
 Camila- Aí vai na loja e pergunta qual que é masculina?  
 [...]  
 Homem1- Sim. Eu mesmo, eu perguntei para a dona da loja. Aí eu escolhi para não comprar errado.  
 [fevereiro/2015; aldeia Mariry]
- 13 Ou ainda, numa conversa com outros dois homens, cunhados:
- Camila- E para roupa, quando compra roupa, como é que vê que é boa? Como escolhe? Tem jeito de escolher?  
 Homem 2- Eu mesmo compro qualquer jeito, o que eu não quero comprar é camisa rosa. Porque diz que só mulher, aquele karai kô [não índio] que é, que faz relação dois, com outro que usa esse.  
 Homem 3- Homossexual  
 Camila- Homossexual. Gay.  
 Homem21- Essas coisas.  
 Camila- Aí não compra rosa.  
 Homem 2- Aí eu não compro rosa.  
 Homem 3- É so’o [veado<sup>6</sup>]  
 Homem 1- Mas fora rosa, fora aquele camisa rosa, aí eu compro...
- 14 Homens não devem usar roupas femininas, nem mulheres comprar vestimentas de homens. De modo semelhante, jovens não devem parecer velhos. São os mais novos que pintam seus rostos com *sipy*, uso que se relaciona à atração de namorados e namoradas

(Gallois 2002:9). Analogamente, muitos estranham se mulheres velhas pintam-se com maquiagem, sobretudo com batom, que é somente usado por mulheres adultas. Não *combina*. Segundo me relatou uma interlocutora, uma viúva que já não era considerada jovem pintava seus lábios com batom e isso era dito inadequado, pois *não combinava*. A adequação das vestimentas e ornamentos nos corpos dos jovens certamente liga-se à atração para jovens do sexo oposto. Em um caxiri, depois de beber muito, um homem casado pediu que eu tirasse fotos e mostrasse para as moças e mulheres jovens residentes em outras aldeias. Ao visualizar seus retratos, contudo, pediu que eu apagasse aqueles em que aparecia com a tanga curta, recolhida, pois não queria se assemelhar a um homem velho<sup>7</sup>. Do mesmo modo, cortes e tinturas de cabelo inspirados em jogadores de futebol como Neymar e Cristiano Ronaldo são entendidos como bonitos para os jovens, e alguns, inclusive, disseram que as moças ainda solteiras e mulheres recém-casadas não gostam de homens de cabelos longos.

- 15 A adequação das roupas aos corpos marcados por gênero e idade – ou mais precisamente, a constituição dessas corporalidades a partir do uso de certos ornatos e vestimentas – não é algo exclusivo dos Wajãpi. No caso dos Wayana, o que eles expressam em português como “não é para mim usar” parece-me se assemelhar ao uso que os Wajãpi fazem da expressão em língua portuguesa *não combina*:

O caráter intrínseco da excessiva decoração a torna um paradigma e assim a inadequação estética é expressa através de sua negação, ou seja, *imakperá*, “o que é indesejado”. Esse vocábulo é explicitado como “não é para mim usar”, definindo desta forma não apenas a feiúra, mas igualmente o uso incorreto dos diferentes ornamentos. A incorreção ornamental se define sexual, etária e temporalmente. Isso significa que os ornatos femininos não podem ser portados por homens e vice-versa, assim como os atavios dos jovens não devem ser ostentados por homens e mulheres mais idosos (Van Velthem 2003:287).

- 16 No que diz respeito às camisetas, calças, chinelos, tampouco mulheres querem usar o que é para homens e vice-versa. Essas roupas, que usam na cidade e com menor frequência nas aldeias, também são constitutivas de corporalidades específicas. Os Wajãpi valem-se do fato dessas roupas já serem genericadas pelos não indígenas com quem convivem na cidade e adotam não somente as peças de vestuário, mas também a divisão entre estilos femininos e masculinos. Pelo que entendo, essa divisão não indígena coaduna-se com as ideias wajãpi de adequação de certas roupas e enfeites a certos corpos – ou mais precisamente: a fabricação de certos corpos faz-se a partir do uso de determinados enfeites e roupas. Resinas perfumadas *combinam* mais com jovens. Do mesmo modo, chinelos e camisetas cor de rosa só *combinam* com mulheres, bem como esmalte para unhas e batom.
- 17 Alguns modelos de roupas restringem-se às mulheres, como é o caso de roupas muito justas. Por outro lado, entre os jovens wajãpi que atualmente vivem e estudam em Macapá esse estilo de vestimenta também é recorrente: é o que me relata um homem na casa dos trinta anos, frisando a divergência – assentada numa diferença etária – entre seu gosto e o desses rapazes<sup>8</sup>:
- Homem 4- Também o jeito de usar calça comprida como agora esses jovens estão usando. É diferente. Aquela moda bem apertada, aquela calça.  
Camila- Ah, jovem gosta bem apertada?  
Homem 4- É.  
Camila- E você, gosta?  
Homem 4- Eu não gosto disso. Porque os não índio, alguns não índio acha que quem usa essa [é] so’o [veado].

Camila- Mas aí, como que será que jovem aprendeu usar bem apertado?

Homem 4- Porque eles estão estudando na cidade, aí eles observam os alunos, o jeito que eles usam essa calça comprida. Então eles aprendem com eles [estudantes não índios].

[novembro/2014]

- 18 Aqueles que convivem muito com não indígenas, sobretudo os jovens que estudam em Macapá ou homens e mulheres que passam temporadas na cidade, parecem ter aprendido, observando não indígenas ou assistindo televisão, mais matizes nos usos de roupas por parte dos *karai kō* (não indígenas). Assim, se alguns cortam os cabelos por não querer parecer mulher, outros sabem que há não índios que deixam os cabelos longos, pois viram homens com esse corte de cabelo: em Macapá ou jogadores de futebol de seleções estrangeiras na Copa do Mundo, na televisão. Ouvi diversos jovens dizerem que os mais velhos compram qualquer roupa, usam camisetas esportivas em reuniões, não sabem distinguir quando devem se vestir de um modo ou de outro. É justamente sobre a observação que fez do modo como macapaenses se vestem que um jovem professor me falou:

Professor- [...] Quando eu era jovem, dezessete anos eu gostava mais de Adidas. Depois, assim, quando eu cresci eu não gosto mais disso.

Camila- Por quê? Não combina?

Professor- Não combina, eu já percebi que o *karai kō*, eu conversei com... que nós sempre, eu usa na cidade camisas assim de esporte, como camisa do Flamengo, de Paysandu, de Remo. Aí depois eu comparei com o *karai kō*: “Puxa, eu acho que durante do jogo que esse pessoal tá usando esse camisa do time”.

Camila- Só no jogo?

Professor- Jogo. Eu falei: “Eu vou parar de usar esse aqui porque já comparei, porque quando eu fui ver, assistir um jogo, maioria dos torcedores que usa, outro, não”. Aí eu gosto mais de camisa [...lustrada]. [...] Aquele que cantores [de música sertaneja] usa. [...] Única coisa que eu não gostei usar aquele sapato, assim sapato tem de preto.

Camila- Sapato social?

Professor- Isso. [...] Eu gosto tênis assim mais comprido, assim.

Camila- Ah, cano alto, fala.

Professor- De Nike, de marca, de Adidas, só isso.

[março/2015]

- 19 Um homem casado, estudante na cidade há alguns anos, relatou ter aprendido com o tempo essas diferenças: há uniforme para usar na escola, roupa para ir a shows, roupa para namorar. São justamente esses jovens estudantes em Macapá que aprenderam a usar roupas justas, algo que os mais velhos consideram que *não combina* com os homens. Há também, portanto, diferenças nos usos de roupas e no que se considera adequado ou não, e tais diferenças variam, dentre outros, por critérios etários e relativos ao maior ou menor acesso às cidades.
- 20 Adequado, aliás, é uma tradução que me parece possível para *owerowa* e *ojisu'u*, para aquilo que meus interlocutores insistem em traduzir por *combinar*. Ao falar de roupas, o termo *combinar* parecia de início se coadunar com minhas próprias noções de combinação de vestuário. Tratava-se, como pude perceber, de um equívoco. Se *combinar* pode ser um termo usado em língua portuguesa para se referir ao modo como peças de roupa se adéquam umas às outras e aos seus portadores, não é o caso de muitos outros contextos em que o termo *combinar* se aplica. Jatuta, em de suas primeiras explicações sobre *combinar* (*ojisu'u*), a meu pedido, citou outros usos para essa formulação que não remetesse a roupas. Assim exemplificou: se um homem casa “com a filha do sogro”, aí



*combina bem*, *ojisu'u katu* ou *oweroa katu*. Também um casamento entre pessoas com idades muito destoantes não é considerado adequado, *nojisu'ui*, *noweroai*. Certa vez um homem jovem pediu para eu lhe mostrar em meu computador as fotografias de uma oficina de cerâmica que eu acompanhara no ano anterior<sup>9</sup>. Numa imagem (Figura 1), viam-se pratos de barro (*yjy parapi*) secando, em que moças e crianças colocaram pimentas. O jovem que olhava as fotografias comentou que as pimentas naqueles recipientes *combinavam* bem (*oweroa*), pois pratos são usados para tomar caldos aos quais se acrescenta pimenta. Esses são casos em que, ao menos na variante da língua portuguesa a qual estou acostumada, *combinar* não se aplicaria. Assim, acrescento à explicação dos Wajãpi para *combinar*, outras possibilidades, tais como “ser adequado”, “ser bom”, “estar em harmonia”, “ser desejável”. Ou ainda, como sugeriram Jawaruwa, Japu e Jatuta, “encaixa bem”.



Figura 1

Recipientes cerâmicos - pratos (*parapi*) e panelas (*туруwa*) - em oficina de cerâmica.  
Foto de Camila G. de Paula

## Zombarias, cochichos e dinheiro

- 21 Certas roupas e miçangas *combinam* com alguns, mas não com outros. O pesquisador Serete escreveu sobre *ko'ã*, o cinto usado para segurar a tanga masculina. Antigamente (*tamō kō*, na época “dos nossos avôs”), os homens usavam *ko'ãmo*, cintos mais grossos. Algumas pessoas me ensinaram que os cintos precisavam ser mais grossos porque *kamisa pirã* feita com fios de algodão tecidos pelas mulheres eram mais pesados. Ainda hoje os homens mais velhos preferem esse tipo de *ko'ã*; os jovens, por sua vez, usam cintos mais finos, pois se usarem os grossos – explicou-me Serete – ficarão “tímidos”, *wesakatu*: “Porque alguns jovens usa *ko'ãmo*, aí [outro] olha ‘Por que ele usa *ko'ãmo* grande?’” Serete ainda deu outro exemplo, dessa vez traduzindo *wesakatu* por “inveja”: “[...] inveja quando



a pessoa que usa... alguns usa maquiagem e outra pessoa não usa maquiagem, só usa *sipy*. Aí falou pra ele: ‘Por que usa maquiagem? Por que essa não usa?’ Acho que isso é inveja”<sup>10</sup>.

- 22 Kureni me explicou que o termo *wesakatu* pode ser usado em uma situação na qual a pessoa “acha o outro feio” e externa isso para os demais: quando alguém compra um *kamisa wiri* (pano estampado para saias femininas) novo em Macapá e encontra outra mulher com *kamisa* velho, diz a esta última que “sua *kamisa pirã* é feia”. Segundo o professor Kenawari, todavia, não se trata de dizer à pessoa que está feia, mas “só vai falar cochichando para o colega dele”. Uma pessoa que destoa das demais, que não usa roupas e ornatos adequados à sua faixa de idade e gênero – que não fabrica determinada corporalidade –, é alvo de pilhéria.
- 23 Além da adequação dos corpos das pessoas às roupas, enfeites e maquiagens, há outro fator a ser considerado, a saber, o dinheiro e a possibilidade de comprar certas coisas. Comentarei brevemente esse ponto. Uma moça que só usa *sipy* (resina perfumada) e não tem maquiagem e batom para pintar seu rosto e lábios pode ser alvo de zombaria, de riso alheio, pois essas pinturas faciais são atualmente muito usadas por moças não casadas ou mulheres casadas com filhos pequenos. Da mesma forma, uma mulher que possui dinheiro para comprar muitos panos estampados para suas saias poderá caçoar – para os outros, e não para o alvo da troca – de outra que só pode usar saias velhas de pano vermelho, já desbotando. O mesmo ocorre com outras roupas e enfeites, bastante comuns nos dias de hoje, como agasalhos esportivos para os homens, presilhas de cabelo e sutiãs para as mulheres. O acesso diferencial ao dinheiro, às posições assalariadas, às aposentadorias, desta feita, introduz-se nas noções sobre uso correto de roupas e ornamentos, na constituição de corporalidades específicas. Mais itens e modas passam a integrar os componentes da fabricação corporal; a composição de bons-belos corpos *wajãpi* necessitam hoje desses enfeites comprados nas cidades<sup>11</sup>.

## Mulheres, calcinhas e calças: moderação

- 24 Conforme procurei argumentar, há certas roupas que são adequadas a determinadas pessoas e à condição em que essas se encontram. Calças compridas e bermudas parecem não ser apropriadas às mulheres *wajãpi*. Na realidade, há um debate sobre isso, que gira em torno da noção de vergonha (-*sĩ*).
- 25 Mulheres casadas e com filhos usam saias longas, um pouco acima dos joelhos; crianças e jovens meninas, por sua vez, podem portar *kamisa* de comprimento menor. Como me explicaram as mulheres, isso se deve à vergonha, -*sĩ* (*asĩ* = “eu tenho vergonha”, “minha vergonha”). Mulher adultas não mostram a parte superior de suas pernas, exceto a seus maridos. Mesmo quando se banham junto a outras mulheres nos *igarapés*, cuidam de retirar as saias só depois de mergulhar seus corpos na água. Viveiros de Castro (1986:148), sobre a vergonha das mulheres *araweté*, nota que elas “jamais retiram a saia interna [“pequena peça tubular que cinge estreitamente as coxas, na altura do púbis até uns 40 cm abaixo”], de lona grossa, na frente de um homem estranho, e manifestam um grande pudor corporal, mesmo quando entre si, como por exemplo no banho”. Ao se banharem, as mulheres *araweté*, assim como as *wajãpi*, adotam a posição “agachada, com as pernas fechadas” (Viveiros de Castro 1986:148, nota 15).
- 26 Os panos mais grossos são preferidos para as saias femininas justamente porque assim suas coxas não ficam visíveis. Dona de muitos panos estampados (*kamisa wiri*) diferentes, a

- professora Jamy me disse que não gosta de pano de *nylon*, pois além de esquentar em demasia, “está macio” (*ipisarã*), escorregadio, “não dá para segurar direito” nos quadris: “tenho vergonha de usar esse”, explicou. Já crianças pequenas e jovens moças podem usar saias de panos mais finos, esclareceu Pikuĩ, mostrando-me um *kamisa wiri* de uma de suas filhas, “porque *si’ã nōsĩ*” (“porque filha/criança não tem vergonha”).
- 27 É justamente pela vergonha de ver expostas certas partes de seus corpos que as mulheres wajãpi aderiram massivamente ao uso de calcinhas. Apenas uma mulher, já velha, disse-me não gostar de usar tal peça de roupa, pois sente coceira ao vesti-la. Entre as mulheres panará, é com o intuito de não revelar suas vulvas a outras pessoas que elas também passaram a usar roupas íntimas: “underpants would be useful during menstruation, would be good for playing football, good from preventing men from seeing their vaginas, and good for gathering *pêjá* (açai fruit) because nobody could look up their dresses while they shimmied up to slender palm trees” (Ewart 2013:104).
- 28 De volta aos Wajãpi, a vergonha (-*sĩ*), explica Dominique T. Gallois (1988:215), consiste em um estado associado às atitudes de moderação nas relações entre as pessoas, e integra o “repertório de atitudes consideradas apropriadas” (Rosalen 2005:76). Tal atitude liga-se à possibilidade constante de perda do princípio vital (-*ã*) que constitui a pessoa wajãpi, conduzindo-a a um perigoso estado de leveza e desintegração da pessoa. As atitudes moderadas, dentre elas a vergonha, consistem em cuidados constantes para a manutenção da integridade da pessoa.
- 29 Em sua dissertação de mestrado, Juliana Rosalen (2005) comenta que se um homem wajãpi toma conhecimento, sem querer, de algo relacionado à iniciação sexual de sua filha ou irmã, fica com vergonha. A vergonha, nesse caso, também se refere à perda de princípio vital da mulher via sangramento (Rosalen 2005:79). Assim também se passa em outras situações: ao se queixar de que os jovens de outra aldeia não estão se comportando de modo adequado, um morador da aldeia Ytuwasu me relatou que sua esposa vira, em outra aldeia, uma moça já com peito banhando-se junto a seu pai. O referido pai, assim como a jovem, deveria ter sentido vergonha, pois uma moça ou mulher adulta não se banha com um homem que não seja seu marido. Nota-se que a vergonha, para os Wajãpi, é considerada uma atitude apropriada nas relações interpessoais. Os homens que estiveram nas aldeias dos Zo’é, no norte do Pará, nos anos 1990<sup>12</sup>, costumam comentar que as mulheres zo’é *nōsĩ*, não têm vergonha, assim como as mulheres *panary*<sup>13</sup> de antigamente: “*panary kō* não tem *ōsĩ*”, disse-me um homem velho, referindo-se às pequenas tangas usadas pelas mulheres Wayana e Aparai, que cobriam só a parte frontal de seus corpos. Em ambos os casos, a não vergonha dessas mulheres não é bem vista. A vergonha também é invocada nas discussões sobre uso de calças compridas, peças de roupa que algumas mulheres wajãpi começaram a portar.
- 30 Ao perguntar a uma mulher, na aldeia Pairakae, sobre as roupas que usa na cidade, ela respondeu usar vestidos ou saias compridas na altura do joelho; caso usasse saias curtas, seu sogro teria vergonha. Outras mulheres afirmaram ter vergonha de usar calças compridas, por isso não o fazem. Aquelas que vão à cidade esporadicamente, apenas para compras e resolução de outros assuntos burocráticos em Macapá, usam saias de tecido vermelho ou estampado. Já quem permanece na cidade por mais tempo, ou tem mais dinheiro, compra vestidos e saias. Mulheres mais velhas costumam usar saias de *kamisa pirã* por baixo dos vestidos. A vergonha, nesse caso, é tanto das mulheres quanto dos homens – sobretudo de seus pais, irmãos e sogros. Homens jovens, com filhos pequenos ou atingindo a puberdade, disseram sentir muita vergonha ao ver suas irmãs e

“sobrinhas” usando calças. Uma mulher que alega não usar calças contou que seu marido pediu para que intercedesse junto a uma parente que usava calças na cidade, aconselhando-a a não mais fazer isso. Tal homem sentia muita vergonha ao vê-la vestida daquele modo, não sabendo para onde olhar. Esse gesto em muito se assemelha ao que conta Waiwai, um chefe de aldeia já velho, que visitou as aldeias dos Zo’é nos anos 1990: ao comentar a nudez das mulheres zo’é, relatou que uma vez nas aldeias zo’é, não sabia para onde olhar, e buscava olhar somente para cima, para os rostos das pessoas. Mulheres mais velhas sentem-se nuas usando calças, disse-me um homem. Os homens podem ver “a coisa” das mulheres, explicou uma mulher madura, referindo-se às partes íntimas femininas.

- 31 Moças e mulheres casadas que estudam em Macapá ou por lá transitam têm aderido ao uso dessa peça de roupa. No caso das estudantes, isso ocorre porque não podem usar saias nas escolas estaduais da cidade, devendo vestir-se com calças, segundo me disseram. Outras mulheres adultas, sobretudo professoras e esposas de professores, também passaram a usar essa peça de vestuário quando vão à cidade. As calças jeans justas – modelo usado por essas mulheres – permitem a visualização dos contornos das coxas e vulvas, algo que causa vergonha.
- 32 Pelo que entendi, são ainda poucas as mulheres adultas que usam calças. Em uma breve conversa com uma das mulheres, ela me disse não ficar envergonhada. O pai de outra disse que são só as pessoas mais velhas que têm vergonha desse tipo de roupa. Já uma terceira mulher explicou: “às vezes eu uso aquele calça comprida, mas eu não uso muito, porque eu tenho vergonha de usar no meio dos homens wajãpi, olhava muito a gente”; “os homens olham muito quando a gente usa, aí eu tenho vergonha”, então ela prefere usar vestidos longos. A atitude de vergonha com relação ao uso de calças existe somente na presença de outros homens wajãpi, gente com quem essas mulheres, ao adotarem ou não posturas moderadas, modulam relações de afastamento ou aproximação, de interdição sexual ou de parentesco. Não há problemas, assim, em se usar calças e bermudas entre não indígenas. É justamente a isso que se referiu Nazaré, cujo primeiro marido, já falecido, estava entre os primeiros assalariados wajãpi: quando jovem, viajava a Macapá com o esposo e trajava bermuda. Naquela época, no entanto, não havia tantas pessoas wajãpi circulando na cidade, portanto não era vista por seus parentes vestida daquele modo.
- 33 O que está em jogo na adoção de atitudes moderadas é o perigo constante de desintegração da pessoa wajãpi, como comentei. Ao ter expostas suas coxas, as mulheres sentem-se envergonhadas por não criarem as devidas relações de afastamento e moderação: essas partes de seus corpos só deveriam ser vistas por seus maridos, com quem devem manter relações de cuidado constantes para a consubstanciação através do compartilhamento de sêmen e suor (Rosalen 2005:40-57). Comportamentos excessivos e descuidados nas interações interpessoais são muito perigosos: os Wajãpi tomam providências constantes em fabricar corpos e estados moderados e corretos (Gallois 1988; Rosalen 2005), adotando uma série de cuidados, dentre os quais os resguardos e as dietas. Vestir-se de modo a não permitir a visualização de certas partes do corpo, assim, também é algo que deve ser intentado sempre pelas mulheres, é mais um desses cuidados de fabricação corporal e de criação de relações interpessoais de afastamento. O risco envolvido no descuido de se cobrir corretamente é o de sentir tanta vergonha a ponto de atingir um indesejado estado de leveza, causado pelo desprendimento do princípio vital (-’ã) de seu envelope corporal (*reteke*), pela desintegração da pessoa. Restaria saber, mas

seu uso é demasiado recente, se calças passarão a ser amplamente trajadas por mulheres wajãpi. Caso isso ocorra, indaga-se se os cuidados a fim de evitar a vergonha e o estado de leveza permanecerão. Ou se, alternativamente, estaremos diante de outra noção de pessoa.

## Considerações finais

- 34 A seleção das peças de roupas, também entre os Wajãpi, atende a critérios estéticos. Essa afirmação só pode ser entendida levando em conta que a estética, entre os ameríndios, não se dissocia dos aspectos morais (Lagrou 2007; Overing 1991; Van Velthem 2003). A fabricação de corpos corretos e belos implica em combinar adequados componentes corporais às disposições buscadas. Tangas curtas, por exemplo, compõem corpos velhos, no entendimento de alguns Wajãpi.
- 35 É preciso que fique claro que o interesse inicial da pesquisa que resultou neste artigo era entender a circulação e valorização de bens adquiridos na cidade. A partir das conversas em campo, passei a focar alguns aspectos da fabricação corporal; os componentes sobre os quais mais conversei com as pessoas são justamente aqueles comprados nas cidades e em especial os introduzidos nas aldeias nas últimas décadas – dentre os quais calças, camisetas, calcinhas, maquiagem, perfumes etc. Conforme pontuei ao longo desse artigo, creio ser possível a comparação, no que toca a composição de corpos, entre itens diversos como tangas e saias de pano vermelho (cujo uso remete pelo menos há muitas décadas), calças jeans, maquiagem, urucum, miçangas. Traçar uma linha divisória entre itens de composição corporal adquiridos nas cidades – em profusão principalmente após os assalariamentos dos anos 2000 – e itens feitos nas aldeias é, a meu ver, superficial. Em primeiro lugar, porque objetos de origem não americana, como miçangas, circulam há séculos nas redes de troca da região das Guianas, e desde que os Wajãpi ali se estabeleceram, no século XIX (Gallois 1986), tais itens já estavam na região. Além disso, para restringir-me apenas a um exemplo, muitos dos padrões gráficos das pinturas de jenipapo e dos trançados foram aprendidos ou apreendidos pelos Wajãpi com outras gentes (grupos falantes de línguas caribe e grupos não humanos), conforme já argumentaram Dominique T. Gallois (1992; 2002; 2012) e os Pesquisadores e Professores Wajãpi (2009)<sup>14</sup>. Se é o caso de traçar uma distinção entre alguns itens e outros – bem como os critérios dessa divisão – será preciso continuar seguindo as práticas corporais dos Wajãpi.
- 36 Ao que tudo indica, as pessoas wajãpi seguem testando novos componentes corporais – peças de roupa, perfumes, cortes de cabelo. Não há consenso sobre a adequação entre certos enfeites e vestimentas e os corpos e comportamentos que com eles se cria. Resta seguir acompanhando as discussões sobre as miçangas vermelhas e as calças compridas – principalmente num cenário em que algumas mulheres wajãpi têm saído cada vez mais da terra indígena, para participar de encontros políticos, para fazer compras, para estudar...

---

## BIBLIOGRAFIA

CABALZAR, Flora D. *Trocas matrimoniais e relações de qualidade entre os Waiãpi do Amapá*. 1997. 297 f. Dissertação (Mestrado) - Ciência Social (Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

DAL POZ, João. *Dádivas e dívidas na Amazônia: parentesco, economia e ritual nos Cinta-Larga*. 2004. 346 f. Tese (Doutorado) - Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

EWART, Elizabeth. Black paint, red paint and a wristwatch: The aesthetics of modernity among the Panará in Central Brazil. In: EWART, Elizabeth; O'HANLON, Michael (Ed.). *Body arts and modernity*. Wantage: Sean Kingston Publishing, 2007. Cap. 3. p. 36-52.

\_\_\_\_\_. *Space and society in central Brazil: a Panará ethnography*. London, New York: Bloomsbury Academic, 2013. 283 p. (London School of Economics monographs on social anthropology).

GALLOIS, Dominique T. Arte iconográfica Waiãpi. In: VIDAL, Lux. *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. São Paulo: Studio Nobel: Edusp: Fapesp, 1992. p. 209-230.

\_\_\_\_\_. Donos, detentores e usuários da arte gráfica kusiwa. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 1, p.19-49, 2012. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/46956>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. Gêneses waiãpi, entre diversos e diferentes. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 50, n. 1, p.45-83, 2007. Semestral. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/view/27257/29029>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Kusiwa: pintura corporal e arte gráfica Wajãpi*. Rio de Janeiro: Museu do Índio/FUNAI, 2002. 71 p.

\_\_\_\_\_. *Migração, guerra e comércio: os Waiãpi na Guiana*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986. (Coleção Antropológica, vol. 15).

\_\_\_\_\_. *O Movimento na Cosmologia Waiãpi: criação, expansão e transformação do universo*. 1988. Tese (Doutorado) - Ciência Social (Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

GORDON, César. *Economia selvagem: Ritual e mercadoria entre os índios Xikrin-Mebêngôkre*. São Paulo: Editora UNESP: ISA; Rio de Janeiro: NUTI, 2006b. 452 p.

GROTTI, Vanessa. The Wealth of the Body: Trade Relations, Objects, and Personhood in Northeastern Amazonia. *The Journal of Latin American and Caribbean Anthropology*, vol. 18, n. 1, pp. 14-30, Feb. 2013. Disponível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/jlca.12001/abstract>. Acesso: 08 jan 2014.

HOWARD, Catherine. V. A domesticação das mercadorias: Estratégias Waiwai. In: ALBERT, Bruce; RAMOS, Alcida. (org.). *Pacificando o branco: cosmologias do contato no Norte-Amazônico*. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial/ IRD, 2002. pp. 25-55.

LAGROU, Els. Arte: o poder da imagem. In: LAGROU, Els. *A fluidez da forma: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre)*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007. Cap. 1. p. 35-155.

MURA, Fabio. *À Procura do “Bom Viver”*: Território, tradição de conhecimento e ecologia doméstica entre os Kaiwoa. 2006. 504 f. Tese (Doutorado) – Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Joana C. *Entre Plantas e Palavras*: Modos de Construção de Saberes entre os Wajãpi (AP). 2012. 282 f. Tese (Doutorado) - Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

OVERING, Joanna. A estética da produção: o senso de comunidade entre os Cubeo e os Piara. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 34, n. 1, p.7-33, 1991. Sem. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41616079>>. Acesso em: 22 abr. 2015

PAULA, Camila Galan de. Circulação de mercadorias entre os Wajãpi no Amapá. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS DO CONSUMO, 7, 2014, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Grupo de Estudos do Consumo e Associação Nacional de Estudos do Consumo, 2014. p. 1-16. Disponível em: <[http://www.estudosdoconsumo.com.br/artigosdoenec/ENEC2014-GT04-de\\_Paula-Circulacao\\_de\\_mercadorias\\_entre\\_os\\_wajapi\\_no\\_amapa.pdf](http://www.estudosdoconsumo.com.br/artigosdoenec/ENEC2014-GT04-de_Paula-Circulacao_de_mercadorias_entre_os_wajapi_no_amapa.pdf)>. Acesso em: 01 dez. 2014.

\_\_\_\_\_. *Num mundo de muitos corpos*: um estudo sobre objetos e vestimentas entre os Wajãpi no Amapá. 2015. 226 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Social – Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015a.

\_\_\_\_\_. Urucum e desodorantes, resguardos e sabonetes: pensando corpos com os Wajãpi (Amapá) (trabalho completo), ed. 2015, Seminário dos Alunos do PPGAS (Museu Nacional/UFRJ), Brasil, *Anais do Seminário dos Alunos do PPGAS*, eletrônico, Rio de Janeiro, , p. 1-15, online, Rio de Janeiro 2015b. [disponível em: <http://www.seminariodosalunos.com/pdf/2015/camila-galan.pdf>]

PESQUISADORES E PROFESSORES WAJÃPI. *Kusiwarã*. [S. l]. 2009. 82 p.

PIERRI, Daniel C. *O perecível e o imperecível*: lógica do sensível e corporalidade no pensamento Guarani-Mbya. 2013. 275 f. Dissertação (Mestrado) - Ciência Social (Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ROSALEN, Juliana. *Aproximações à temática das DST junto aos Wajãpi do Amapari*: Um estudo sobre malefícios, fluidos corporais e sexualidade. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado) – Ciência Social (Antropologia Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo B. A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras. *Boletim do Museu Nacional, Série Antropologia*, Rio de Janeiro, n. 32, p.2-19, 1979.

VAN VELTHEM, Lúcia H. *O belo é a fera*: a estética da produção e da predação entre os Wayana. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia : Assírio & Alvim, 2003. 446 p. (Coisas de índios).

\_\_\_\_\_. ‘Feitos por inimigos’ Os brancos e seus bens nas representações Wayana do contato. In: ALBERT, B.; RAMOS, A. (org.). *Pacificando o branco*: cosmologias do contato no Norte-Amazônico. São Paulo: Editora UNESP/ Imprensa Oficial/ IRD, 2002. pp. 61-78.

VILAÇA, Aparecida. Chronically unstable bodies: reflections on Amazonian Corporalities. *Journal Of The Royal Anthropological Institute*, v. 11, n. 3, p.445-464, set. 2005. Disponível em: <DOI: 10.1111/j.1467-9655.2005.00245.x>. Acesso em: 17 ago. 2015.

\_\_\_\_\_. O que significa tornar-se outro?: Xamanismo e contato interétnico na Amazônia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 15, n. 44, p.56-72, out. 2000. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092000000300003>>. Acesso em: 02 dez. 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Araweté: os deuses canibais*. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor: Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 1986. 774 p. (Coleção Antropologia Social).

#### Filmes

A ARCA dos Zo'e. Direção de Vincent Carelli e Dominique Gallois. Vídeo nas Aldeias, 1993. (21 min.), VHS, son., color. Legendado.

## NOTAS

1. Entre julho de 2013 e janeiro de 2016, fiquei cerca de quatro meses na T.I Wajãpi, dois deles dedicados exclusivamente a pesquisa de campo.
2. Em outros trabalhos (Paula 2015a; 2015b), notei que o critério olfativo é importante para a comparação entre resinas perfumadas e urucum com sabonetes, perfumes e desodorantes. Todos esses itens são componentes passíveis de ser usados para a gerar relações de afastamento ou de distância com diferentes tipos de gente. Já as roupas, não.
3. Gallois (1992) nota a contraposição entre adornado/não adornado no uso de miçangas, urucum, pinturas de jenipapo em padrões: no cotidiano, as pessoas usam menos miçangas, pois diz-se que atrapalham na execução de tarefas tais quais caçar (homens) e trabalhar na roça, carregar cestos cargueiros, ralar mandioca (mulheres).
4. Perguntando de início em língua wajãpi, apenas uma mulher me disse que esses termos são traduzidos por “não ficou bonito”, todas as outras pessoas falavam “não combina”. Quando falavam em português “combina”, invariavelmente as pessoas diziam-me poder usar um desses dois termos em língua wajãpi. Por não falar a língua, não posso compreender as diferenças que certamente há no uso de uma e outra expressão.
5. Essa não parece ser uma avaliação compartilhadas pelas próprias mulheres mais velhas, que costumam usar colares de miçanga e me pediam cores específicas dessas contas. Por outro lado, algumas delas destinavam parte das miçangas a fazer ornamentos para os netos.
6. So'õ designa o veado. Alguns homens wajãpi têm usado o termo que designa esse animal de caça para se referir a “viado”, modo pejorativo de se referir a homens com práticas homoeróticas. Em algumas conversas meus interlocutores wajãpi falaram de práticas homossexuais como algo errado e que foi aprendido com não indígenas. Esse ponto mereceria maior investimento investigativo.
7. Muitos homens usam tangas bem longas, consideradas mais bonitas. Outros, reservam os panos compridos para dias de festa ou caxiris. Quando vão andar no mato, caçar, os homens recolhem as tangas para ficar mais curtas, alegando ser mais fácil se locomover. Atualmente a oferta de *kamisa pirã* (pano vermelho) é grande, muitas pessoas têm dinheiro para comprar tecido e poucos usam tangas curtas. Antigamente, porém, tecidos eram mais dificilmente obtidos. Talvez por isso as tangas curtas sejam associadas aos velhos. Ao menos essa foi a hipótese levantada por uma de minhas interlocutoras.
8. Nos últimos anos, muitos Wajãpi *assalariados* passaram a enviar seus filhos para estudar na capital. A maioria desses estudantes é casada e vive na cidade com seus cônjuges em apartamentos ou quartos alugados, chamados pelos Wajãpi de *aluguéis*.
9. Trata-se de uma oficina realizada pela Associação Wajãpi Terra, Ambiente e Cultura (AWATAC) realizada em outubro de 2014. Foi coordenada por duas mulheres wajãpi, Sanã e Kanani, e assessorada por Mariana P. Cabral.
10. Dominique T. Gallois (informação pessoal) explicou-me que *wesakatu* refere-se ao fato de que a pessoa se tornará visível, ao destoar dos outros.



11. Alguns itens – pano vermelho, e miçangas, por exemplo – circulam entre pessoas com relações próximas e ninguém fica sem pano vermelho para usar. Por outro lado, há itens que não são postos em circulação, como roupas. Reconstituir integralmente a dinâmica de circulação desses objetos não foi possível. Em outro trabalho (Paula 2014), levantei uma hipótese sobre a existência de dois modos de fazer circular objetos. De maneira resumida, e baseando-me na leitura de outros trabalhos sobre a circulação de bens nas terras baixas sul-americanas (Dal Poz 2004; Gordon, 2006; Grotti, 2013; Mura 2006), penso ser possível falar em um movimento de distribuição de objetos para os parentes, por um lado, e de retenção de alguns itens, por outro. Essa dupla movimentação, por sua vez, permite por um lado o exercício da generosidade e da fabricação do parentesco e, por outro, a possibilidade de ser o responsável por iniciar modas que relacionam-se à posse de bens adquiridos nas cidades. Uma pesquisa que aprofundasse no estudo dessas diferenças e nos efeitos do assalariamento certamente poderia iluminar a questão da introdução de novos ornamentos e roupas, bem como do aumento de itens que são necessários para que uma pessoa esteja corretamente adornada.

12. O filme *A Arca dos Zo'é* (1993) refere-se a esse encontro.

13. O termo refere-se às parcerias de troca interpessoais da região das Guianas (Gallois 2007: 74).

14. Trabalhando também na região das Guianas, ambas com grupos falantes de línguas caribe, Van Velthem (2002; 2003) e Howard (2002) igualmente buscam abordar os modos pelos quais os Wayana, os Aparai (Van Velthem) e os Waiwai (Howard) qualificam aquilo que as antropólogas expressam como “mercadorias”, “bens”, “manufaturados”, “bens ocidentais”, “manufaturados europeus”, “mercadorias dos brancos”, “bens manufaturados”, “bens industrializados” (Howard, 2002) “objetos industrializados”, “bens dos brancos”, “produtos industriais”, “bens industrializados” ou “bens do contato” (Van Velthem, 2002). As autoras apontam as redes de intercâmbio e modalidades de trocas de bens na região, incluindo-as no centro de suas análises.

---

## RESUMOS

Este artigo segue algumas considerações de pessoas wajãpi – grupo de língua tupi-guarani residente no estado do Amapá – acerca da seleção de enfeites e peças de roupas para a fabricação de corpos corretos, dotados das disposições desejadas. A discussão centra-se (1) na noção de *combinação* entre determinadas roupas e enfeites e certos corpos fabricados – e inflexões de gênero e idade; (2) numa polêmica acerca do uso de calças jeans por mulheres jovens. O artigo explicita que não há consenso entre diferentes pessoas wajãpi acerca dos itens adequados a homens, mulheres, jovens ou velhos. Todos, no entanto, entendem ser importante selecionar criteriosamente os componentes de fabricação corporal.

In this article I follow Wajãpi peoples' (Tupi-guaranian group, Brazil) statements regarding garment selection to fabricate adequate bodies, with correspondent correct temperaments. Discussions are centered on (1) the notion of *combinar* (to match, to harmonize), related to the link between the use of certain clothes and ornaments and the fabrication of certain bodies – constitutive of gender and age differences; (2) the controversy of young female Wajãpi wearing pants. The article highlights the lack of consensus among different Wajãpi people regarding items to be properly worn by women, men, youngsters and old people. However, there is consensus in the understanding that garment selection is to be carried out carefully, since it closely relates to body fabrication.

## ÍNDICE

**Keywords:** Garments, body fabrication, bodily practices, anthropology of the Lowland South America, Wajãpi (Tupi-guarani)

**Palavras-chave:** Vestimentas, fabricação corporal, corporalidade, etnologia indígena, Wajãpi (Tupi-guarani)

## AUTOR

**CAMILA GALAN DE PAULA**

Mestra em Antropologia Social pela USP

c.galan.depaula@gmail.com